

A CULTURA DE GUERRA E OS BOLETINS DE JÚLIO MESQUITA: POSSIBILIDADES PARA A PESQUISA

THE CULTURE OF WAR AND THE BOLETINS OF JÚLIO MESQUITA:
POSSIBILITIES FOR A RESEARCH

CARLOS ROBERTO DE MELO ALMEIDA*

Resumo: O jornal O Estado de S. Paulo publicou, ao longo da Primeira Guerra Mundial (1914-1918), uma seção semanal dedicada exclusivamente ao comentário acerca do conflito. A seção era escrita pelo diretor e proprietário do matutino, Júlio Mesquita, e oferece ao historiador a oportunidade de analisar a interpretação da guerra proposta por esse importante órgão da imprensa paulista. O presente artigo procura identificar e discutir os procedimentos utilizados por Júlio Mesquita na escritura dos seus artigos e verificar os caminhos para uma pesquisa dessa natureza oferecidos pelo conceito de *cultura de guerra*, abrindo algumas questões e indicando formas possíveis de respondê-las.

Palavras-chave: Júlio Mesquita; imprensa; cultura de guerra

Abstract: The newspaper O Estado de S. Paulo published, throughout the First World War (1914-1918), a weekly section dedicated exclusively to comment on the conflict. The section was written by the director and owner of the morning paper, Júlio Mesquita, and offers the historian the opportunity to analyse the interpretation of the war proposed by this important organ of São Paulo press. The present article seeks to identify and discuss the procedures used by Júlio Mesquita in the writing of his articles and to verify the ways for a research of this nature offered by the concept of *culture of war*, opening some questions and indicating possible ways of answering them.

Keywords: Júlio Mesquita; press; culture of war

Artigo recebido em 09 de abril de 2016 e aprovado para publicação em 14 de fevereiro de 2017.

* Mestrando do curso de Pós-Graduação em História da FCL/Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, bolsista Fapesp.

“Esta cidade que eu acreditei meu passado é meu futuro, meu presente; os anos que passei na Europa são ilusórios, eu sempre estive (e estarei) em Buenos Aires.”

Jorge Luis Borges¹

Introdução

Izabel Margato, ao se debruçar sobre *A Capital de Eça de Queirós*, teceu considerações acerca das possibilidades de leitura da cidade de Lisboa por parte de Artur Corvelo, o protagonista da obra. Aparentemente em paradoxo com o eixo central do romance, no qual Eça narra a trajetória de Artur na capital portuguesa, Margato afirma que, apesar de geograficamente em Lisboa, Artur não conheceu a capital, isto é, não a pôde ler. Artur se deslocou até a capital portuguesa sem, contudo, penetrar-lhe, pois esta o remetia às ideias preconcebidas acerca de Paris: sobre Lisboa, Artur lançava seus sonhos acerca da capital francesa.

Assim, “a capital” para Artur não seria um local geograficamente determinado, mas um conjunto de símbolos nos quais se projetavam suas idealizações. Tal qual no romance de Ítalo Calvino, Artur teria passado por uma Lisboa invisível, a qual foi lida com base em referências que o próprio protagonista já trazia dentro de si. O mesmo sentido, portanto, da afirmação do escritor argentino Jorge Luis Borges acerca de Buenos Aires, que se apresentou como paradigma para suas experiências nas capitais europeias. De alguma forma, Borges jamais deixou a capital argentina, enquanto Artur não pôde assimilar as realidades de Lisboa.²

Tais questões, por sua vez, nos remetem às possibilidades oferecidas pelas fontes periódicas para o conhecimento histórico. Polos em torno dos quais se reuniam os principais intelectuais de um dado período, as revistas e os jornais impressos se caracterizam por sua influência na forma com a qual a realidade – ou parte dela – é dada a ler. As interpretações e as leituras oferecidas aos seus leitores, características dos autores e da linha editorial do periódico, oferecem ao historiador a possibilidade de conhecer os mecanismos e estratégias por meio dos

¹ BORGES, Jorge Luis. “Arrabal”, Fervor de Buenos Aires (1923). In: *Obras completas*, vol. 1, p. 32, citado por COMPAGNON, Olivier. *O adeus à Europa: a América Latina e a Grande Guerra*, Rio de Janeiro: Rocco, 2014, p. 282.

² “Diferente do Antunes, que soube fazer de Lisboa o seu livro de aprendizagem, Artur percorre Lisboa sem saber estar. O seu percurso, reafirmo, é de enganos. Mas a cidade não pode desenganá-lo porque Artur não habitou Lisboa, nem foi habitado por ela. Não houve transformação nem aprendizagem. Artur apenas deu continuidade a seu projeto.” MARGATO, Izabel. A (i)legibilidade de Lisboa n’A Capital de Eça de Queirós. In: *Revista Semear*, Rio de Janeiro, PUC, v. 1: Camões e Eça de Queirós, 1997. Sobre as reflexões de Ítalo Calvino, sobre as quais se baseou Margato, ver CALVINO, Ítalo. *As cidades invisíveis*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

quais interpretações e visões de mundo são veiculadas, bem como investigar o papel desempenhado por grupos intelectuais e outras formas de sociabilidade.

Nesse sentido, não cabe aqui a denúncia de uma “história parcial” ou “vício de origem” das fontes, os quais não permitiriam acessar os dados históricos. As fontes periódicas, para além dessa busca positivista pelo *fato*, oferecem a possibilidade de compreender leituras e visões de mundo compartilhadas e influências exercidas sobre a cultura e a política de um dado momento de uma sociedade.³ Assim, tal como Margato pôde discutir a natureza da legibilidade ou ilegibilidade da capital portuguesa na obra de Eça de Queirós, ao historiador é permitido colocar em debate as estratégias utilizadas na construção de uma dada leitura da realidade, bem como as suas fontes, suas influências e os elementos que a constituem.

Neste artigo, serão apresentadas as possibilidades de análise oferecidas pelo estudo sistemático dos textos produzidos pelo jornalista Júlio Mesquita acerca da Primeira Guerra Mundial (1914-1918), em seu jornal O Estado de S. Paulo, durante os anos do conflito. Cabe destacar que o estudo dos meios de comunicação, em especial jornais e revistas, emergiu na historiografia como corolário da atenção às questões culturais. Assim, o deslocamento do estatuto da imprensa enquanto fonte e objeto de pesquisa para a escrita da História se insere no movimento mais amplo da própria historiografia ao longo das últimas décadas do século passado.

Dessa forma, o presente texto toma como base o referencial teórico oferecido pela História Cultural, sobretudo no que concerne ao conceito de “cultura de guerra”, que coloca em destaque o “conjunto de práticas, de representações, de atitudes, de criações dos anos de 1914-1918”⁴, evidenciando a maneira como as razões do conflito e as operações militares foram apresentadas à opinião pública via meios de comunicação (jornais e revistas, em especial).⁵ Nossa atenção se volta, assim, ao modo como a guerra europeia foi por Júlio Mesquita lida e apresentada, e quais elementos constituíam a trama dessa narrativa.

³LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla (Org.). *Fontes históricas*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006, pp. 111-53, aponta diversos caminhos possíveis no tratamento desse tipo de fonte.

⁴ LEMOINE, Thierry. Culture(s) de guerre, évolution d’un concept. In: YPERSELE, Laurence van. *Questions d’histoire contemporaine: conflits, mémoires et identités*. Paris: PUF, 2006, p. 136, APUD: CORREIA, Silvia. *Políticas da Memória da I Guerra Mundial em Portugal (1918-1933): entre a experiência e o mito*. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2010, p. 20.

⁵ Ver LUCA, Tania Regina de. *Leituras, projetos e (re)vista(s) do Brasil (1916-1944)*. São Paulo: Unesp, 2011, pp. 02-05.

O Estado de S. Paulo e a guerra de 1914

No Brasil, a transição entre os séculos XIX e XX possibilitou aos intelectuais do período amplo debate por meio dos órgãos da imprensa. Período de novas configurações políticas e sociais, a passagem da centúria ofereceu a oportunidade da discussão acerca de novos projetos nacionais, além de acontecimentos internacionais de grande repercussão. Na imprensa, entre os intelectuais mais proeminentes do período, encontra-se o jornalista Júlio César Ferreira de Mesquita (1862-1927), diretor e proprietário do jornal O Estado de S. Paulo, que esteve presente nos diversos embates políticos que precederam e se seguiram à Proclamação da República (1889).

O jornal, erigido em torno dos membros do Partido Republicano Paulista (PRP), pugnava pela abolição da escravatura e pelo fim do regime monárquico desde sua fundação, em 1875. Nos primeiros anos do século seguinte, Júlio Mesquita já se encontrava na direção do matutino, que fora utilizado com frequência como palco para as lutas políticas apoiadas pelo diretor e como centro de aglutinação dos intelectuais do período. Assim, destacam-se as lutas em torno da Campanha Civilista e os debates em torno do andamento da Primeira República (1889-1930).⁶

Contudo, o início do século XX no Brasil não foi marcado somente pelo novo regime político e outras questões relativas ao cenário nacional; durante esse período, lutas externas também chamaram a atenção dos periódicos nacionais – sobretudo as que aconteciam na Europa. Entre muitos outros, a eclosão e o andamento da Primeira Guerra Mundial (1914-1918) não deixaria de impactar a escrita dos principais órgãos da imprensa do país e de exigir novas formas de abordagem do momento internacional e suas relações com a realidade interna. Assim, paralelamente à publicação das notícias enviadas por seus correspondentes e dos telegramas das principais agências europeias, O Estado de S. Paulo iniciou uma nova forma de abordar a realidade internacional do momento por meio de um espaço exclusivamente dedicado ao acompanhamento e análise da guerra na Europa.

Publicado às segundas-feiras, “O Boletim Semanal da Guerra”⁷ foi um espaço exclusivo do diretor do jornal, no qual eram apresentados os telegramas julgados mais importantes da

⁶ Paulo Duarte, em biografia de Júlio Mesquita, tratou sobre os principais embates em que se envolveu o diretor do Estado nos últimos anos do século XIX e nas duas primeiras décadas do século XX, com destaque para o papel desempenhado pelo jornal. Também Jorge Caldeira, em biografia publicada em quatro volumes, debruçou-se sobre as campanhas defendidas pelo matutino dos Mesquita. Ver DUARTE, Paulo. *Júlio Mesquita*. São Paulo: Hucitec, 1977; CALDEIRA, Jorge. *Júlio Mesquita e seu tempo*. São Paulo: Mameluco, 2015, 4 v.

⁷ Nome adotado pela coluna já em sua segunda edição, em 10 de agosto de 1914.

semana e um breve texto no qual Júlio Mesquita procurava interpretar e propor explicações possíveis para os fatos que se desenrolavam ao longo das semanas.⁸

Os boletins permaneceram, com poucas exceções⁹, ao longo de todas as semanas dos quatro anos do conflito. Iniciados em 06 de agosto de 1914, os artigos do diretor d'O Estado vieram a público até o dia 14 de outubro de 1918, perfazendo, assim, um conjunto que compreende todos os anos da Primeira Guerra Mundial. Tal material oferece ao historiador a oportunidade de conhecer e analisar as interpretações veiculadas por Júlio Mesquita acerca da conflagração.¹⁰

Antes de iniciarmos a análise de alguns temas recorrentes nos textos de Júlio Mesquita, é preciso colocar a questão sobre a estrutura desses artigos, a partir da qual foi possível identificar duas tramas narrativas na escrita dos boletins semanais: uma que acolhe a forma de interpretar as notícias veiculada pelo telégrafo, bem como a que conta com o trabalho ativo do jornalista sobre esta mesma forma, na busca por adaptá-la à realidade do país e às suas convicções políticas. Nesse sentido, objetiva-se aqui evidenciar a presença de ambas as realidades nos textos publicados por Júlio Mesquita. Assim, procuraremos, em primeiro lugar, esclarecer a maneira pela qual o conflito era dado a ler aos brasileiros, e discutir, por fim, a natureza e as fontes da forma segundo a qual a guerra era lida pelo jornal.

⁸ De acordo com suas próprias palavras: “[nos Boletins] não dão soluções, nem se ditam sentenças, mas somente se procuram explicações plausíveis”, ver MESQUITA, Júlio. In: O Estado de S. Paulo, 31 ago 1914, p. 3.

⁹ O conjunto de boletins semanais apresenta 21 ausências, sendo que não há nenhuma nos meses de 1914. Nos anos seguintes, ocorrem sete vezes em 1915 – 04 de janeiro, 08, 15, 22 e 29 de novembro, 06 e 13 de dezembro; oito em 1916 – 28 de fevereiro, 24 e 31 de julho, 07, 14, 21 e 28 de agosto, e 04 de setembro –; nenhuma em 1917, e seis em 1918 – 25 de fevereiro, 04, 11, 18 e 25 de março, e no dia 1º de abril. Como se vê, o número de ausências é maior em 1916, quer em quantidade ou em continuidade (as duas últimas semanas de julho, seguidas por todo o mês de agosto e a primeira semana de setembro). De acordo com Paulo Duarte, essas longas ausências teriam ocorrido em razão do falecimento da esposa de Júlio Mesquita: “Só em setembro Júlio Mesquita retoma os seus comentários da guerra, interrompidos por motivo da morte de D. Lucila Cerqueira César Mesquita” (DUARTE, Paulo. *Op. cit.*, p. 98). Parece-nos, entretanto, que as perdas dos franceses em razão da Batalha de Verdun, iniciada em fevereiro, e do então recente embate no Somme (iniciado em julho daquele ano) também entram como razões para a ausência dos boletins semanais durante estas semanas de 1916.

¹⁰ A pesquisa e o estudo sobre esse material evidenciaram, por um lado, a tomada de posição adotada por Mesquita assim que o conflito teve início na Europa, bem como as alterações e adaptações necessárias ao discurso adotado. No entanto, acerca do posicionamento da imprensa brasileira em relação à Primeira Guerra, asseverou Sidney Garambone: “Entre 1914 e 1918, a imprensa brasileira passeou entre a simpatia pela causa aliada e a simpatia pela tentativa alemã de redesenhar o mundo. E os jornais, depois de muito refletirem e discutirem os acontecimentos diariamente, anteciparam e, de forma incisiva, sugeriram como deveria ser esta entrada na guerra.” GARAMBONE, Sidney. *A Primeira Guerra Mundial e a imprensa brasileira*. Rio de Janeiro: Mauad, 2003, pp. 107-8. Tal afirmação deve ser colocada entre parênteses diante do material oferecido pelos Boletins Semanais de Júlio Mesquita, pois, contrariamente ao que foi afirmado por Garambone, O Estado de S. Paulo de saída já pugnava a vitória da França e dos seus aliados. Tal posição foi mantida igualmente – e apesar das constantes adaptações às transformações do conflito – durante os quatro anos da conflagração.

O militarismo alemão e a República brasileira

As notícias da guerra eram recebidas pelo jornal via telégrafo ou consultadas pelo próprio Júlio Mesquita nos jornais dos países conflagrados. A própria seleção e compilação desses dados, por sua vez, já implicava certo grau de interpretação: sobre este material, Mesquita realizava sua seleção e apresentava aos leitores do seu jornal possibilidades de interpretação, procurando evidenciar uma perene vantagem da França e de seus aliados, além de uma crescente fragilidade dos alemães.

De saída, portanto, é possível identificar a atividade do jornalista – que seleciona, reordena e interpreta – diante do material recebido. É evidente, nos próprios textos, uma primeira seleção de Mesquita, que recaía sobre a escolha dos telegramas: “(...) as notícias alemãs devem ser lidas com todas as cautelas e que bem anda quem cautelosamente as põe de quarentena, para que se expurguem do vício de origem”¹¹, afirma, ao passo que o governo da França seria “a fonte mais regular e mais fiel de informações a respeito desta guerra”¹².

Assim, o critério para a seleção dos telegramas estava longe de ser neutro, pois dedicava pouca atenção àqueles de origem alemã, ao passo que privilegiava os que vinham dos franceses e ingleses. Os telegramas de Berlim, por sua vez, eram utilizados quando confirmavam as notícias recebidas por meio das agências dos Aliados: “Ainda que sejam muito exagerados os recentes boletins otimistas do Estado-Maior do grão-duque Nicolau, é fora de dúvida – os boletins alemães o reconhecem – que mesmo na região de Varsóvia a luta ainda se trava encarniçada.”¹³ Como se pode perceber, Júlio Mesquita não ocultava sua preferência pelos telegramas dos Aliados e sua hesitação quanto às notícias de origem alemã.

Além dessa primeira operação seletiva realizada sobre os telegramas, a ênfase nos temas procurava conciliar o conteúdo de traço marcadamente francês com a realidade *intramuros* da política brasileira.¹⁴ Dessa forma, a crítica dos Aliados ao chamado militarismo do Império alemão, em oposição à liberdade da democracia francesa, é dada a ler aos brasileiros como uma crítica ao militarismo de Hermes da Fonseca e do candidato por ele apoiado, Venceslau Brás, vitorioso nas eleições de novembro de 1914.¹⁵ Assim, durante o primeiro mês da guerra, Júlio

¹¹ MESQUITA, Júlio. Boletim Semanal da Guerra. In: O Estado de S. Paulo, 31 ago. 1915, p. 03.

¹² *Idem*, 24 out. 1914, p. 03.

¹³ *Idem*, 16 ago. 1915, p. 03.

¹⁴ Por esta razão, é de fundamental importância o estudo dos embates políticos nos quais se envolveu o matutino paulista nos anos anteriores a 1914 para a compreensão da posição adotada pelo diretor do jornal já nas primeiras semanas da guerra.

¹⁵ Paulo Duarte destaca também que a iniciativa dos boletins semanais se deu em meio às campanhas políticas de Júlio Mesquita. Ver DUARTE, Paulo. Júlio Mesquita e o “Estado”. In: *Centenário de Júlio Mesquita*. São Paulo: Anhambi, 1964, pp. 139-320.

Mesquita atribuiu prontamente as causas de sua eclosão à política militarista da Monarquia Dual, aliada do Império de Guilherme II:

[Os dirigentes do Império Austro-húngaro] Cederam afinal à corrente militarista da corte e das regiões oficiais, corrente que não corresponde, além do mais, ao sentimento geral do país. E aqui está como o capricho e a imprudência de uma “coterie” consegue abalar todo o mundo!¹⁶

O recrudescimento dos ataques ao “militarismo” e das críticas à Alemanha, ao ponto de identificar o militarismo com o governo alemão, permitem afirmar que o governo brasileiro, cuja política poderia igualmente ser identificada com o militarismo, de acordo com O Estado de S. Paulo, também era alvo de tais críticas. Assim o afirma claramente o proprietário do jornal no boletim anterior ao Natal de 1914, no qual procurou justificar seus ataques ao militarismo:

O Estado simpatiza com os aliados, não porque antipatiza com os alemães, mas porque diverge visceralmente da política autoritária e militarista, que desviou a Alemanha da sua luminosa missão e produziu esta guerra odiosa. Contra esta política, sim, temos toda a má vontade, onde quer que ela se implante e se firme, na Alemanha ou em outro qualquer país, inclusive o nosso.

(...)

Ainda há pouco, ela tentou apoderar-se definitivamente do Brasil (...). Na Europa ou na América do Sul, num poderoso império ou numa modesta república, opulento ou pelintra, dourado ou andrajoso, o militarismo é sempre o mesmo monstro repugnante, contra o qual toda a civilização deve erguer-se e lutar, até seu total aniquilamento.¹⁷

Ao militarismo, Mesquita atribuiu a responsabilidade pelo conflito em seu primeiro boletim e assim prosseguiu até que ele chegasse ao fim. Durante os primeiros seis meses da guerra, o tema voltou frequentemente aos textos, coincidindo com a campanha eleitoral de Venceslau Brás para as eleições de novembro daquele ano. Além disso, no boletim do dia 21 de dezembro de 1914, conforme visto, Júlio Mesquita reafirmou sua postura contrária ao militarismo, com clara alusão à realidade recente de seu país. Estes dados sugerem que a

¹⁶ *Idem*.

¹⁷ *Idem*. In: O Estado de S. Paulo, 21 dez. 1914, p. 03. Este boletim permite entrever, igualmente, a crise instaurada entre o matutino paulista e o Diário Alemão, que moveu uma campanha publicitária contra o jornal em razão dos ataques à política alemã. Ver CALDEIRA, Jorge. *Júlio Mesquita e seu tempo: o jornal moderno, sertão e capitalismo (1908-1927)*. São Paulo: Mameluco, 2015, v. 3, p. 211. Acusado de estar vendido aos ingleses, O Estado de S. Paulo passou a ser chamado pelo periódico alemão de “The State of S. Paulo”. O desfecho da crise, apesar de favorável ao diretor do Estado, causou sérios danos na receita do jornal: “Júlio de Mesquita moveu um processo contra o Diário no qual conseguiu provar que a maior parte da renda publicitária do seu jornal provinha justamente das firmas alemãs que, ao deixarem de anunciar no matutino, causaram ao Estado sérios prejuízos financeiros. Apesar do desfecho do episódio ter sido moralmente favorável à Mesquita – Plínio Barreto, advogado responsável pela defesa do jornal, obteve em 1916 a condenação do diretor da folha germânica a dois meses de prisão –, o balanço estava longe de atingir os níveis registrados em 1913.” LUCA, Tania Regina de. *A revista do Brasil: um diagnóstico para a (N)ação*, São Paulo: Unesp, 1999, p. 39.

iniciativa da seção não perdia de vista, portanto, a política brasileira. O horizonte nacional, dessa forma, foi também o interlocutor na produção dos textos de Júlio Mesquita, ao lado da realidade internacional.¹⁸

Contudo, e apesar dos olhos também voltados para a realidade nacional, as ênfases e as críticas selecionadas por Mesquita gravitavam em torno dos temas da imprensa francesa, o que impõe questões acerca do modo segundo o qual as articulações tecidas entre os temas referentes à guerra de 1914 e a política brasileira se combinam. É nesse sentido que as definições acerca do conceito de *cultura de guerra* apresentam possibilidades para a pesquisa sobre os boletins. Este conceito, no entanto, só pode ser compreendido tendo em mente a modernização da imprensa e as possibilidades de transferências culturais dos anos 1910-1920.

A imprensa na era industrial

A segunda metade do século XIX potencializou a modernização da imprensa e a ampliação do número de leitores de forma mais acelerada no Velho Mundo, mas também no cenário brasileiro. De um lado, tal modernização foi levada a cabo por meio da mecanização do processo de composição dos tipos móveis e da impressão. Referente à composição, o grande sucesso do final do Oitocentos foi a invenção da linotipo, que acelerou a composição das linhas de tipos de uma forma até então desconhecida:

Em vez de composição em caixas, em que cada letra forma palavras, que, por sua vez, compõem linhas, num trabalho manual extremamente especializado, agora é possível, com a invenção do novo artefato tecnológico, produzir linhas inteiras a partir do simples acionamento de um teclado alfanumérico. (...) Mas a alteração não se dá apenas nas oficinas. A possibilidade de compor com mais rapidez o texto permite, por exemplo, a ampliação do número de páginas dos jornais.¹⁹

¹⁸ O militarismo aos olhos de Júlio Mesquita configurava-se como a maior das ameaças. Formado no seio de uma cultura republicana e liberal, e dirigindo um dos jornais que impugnavam um modelo liberal para o país, Júlio Mesquita alinhou seus artigos às nações presumivelmente coerentes com a linha editorial do jornal. Assim, no boletim do dia 29 de outubro de 1917, celebrou a declaração de guerra entre o Brasil e a Alemanha, ao passo que procurou justificar uma possível “servidão” ao imperialismo norte-americano: “(...) se o Brasil é fraco e tem de perecer, qual o motivo da preferência? Entre servidão e servidão, por que havemos de preferir a alemã à norte-americana? (...) A Alemanha é temível. Os Estados Unidos de Wilson são a antítese da Alemanha do Kaiser (...)”. (MESQUITA, Júlio. Boletim Semanal da Guerra. In: O Estado de S. Paulo, 29 out. 1917, p. 03).

¹⁹ BARBOSA, Marialva. *História cultural da imprensa: Brasil, 1900-2000*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007, p. 26.

Além da linotipo, são introduzidas também novidades em relação à qualidade do papel, velocidade na impressão, além de e sobretudo a ampliação das redes telegráficas e das ferrovias, proporcionando um maior alcance da notícia e aumento do público leitor.²⁰

O telégrafo e a presença de correspondentes foram particularmente importantes para a imprensa brasileira porque fez com que se tornasse mais fácil o contato com as notícias vindas da Europa. Entre 1908 e 1909, quando já possuía o número de 5.540 assinantes, O Estado de S. Paulo mostrou ampla cobertura acerca dos terremotos que abalaram, sucessivamente, Itália e Lisboa, o que demonstrou aos imigrantes que viviam na cidade de São Paulo a possibilidade de contar com um jornal brasileiro que dava conta da realidade dos seus países de origem de forma ainda mais avançada do que os jornais publicados em sua língua materna.²¹ Tal esforço modernizador era a condição necessária para o acompanhamento semanal da guerra que viria a ocorrer no decênio seguinte.

Assim, não é surpreendente que a análise sistemática da fonte tenha permitido notar a dependência do telégrafo, que se faz sentir em todos os momentos do texto: além do próprio nome da coluna²², Júlio Mesquita declarava constantemente as fontes de suas notícias. Foi igualmente enfático quanto à preferência pelos telegramas de Paris e Londres, lançando sobre os telegramas de Berlim a pecha de “pouco informativos” ou de mera propaganda alemã.²³ Apesar do objetivo de afirmar a pretensa imparcialidade das notícias veiculadas pelo jornal, tais declarações denunciam a dependência do telégrafo quanto às notícias acerca da guerra. Nesse mesmo sentido, sobre a longa ausência do Boletim Semanal entre os meses de novembro e dezembro de 1915, afirmou o diretor d’O Estado:

Foi primeiro uma doença, que o impediu de trabalhar. Foi depois a falta de interesse dos telegramas, que dia a dia nos iam chegando sem política nova, tornando-se apenas, a cada instante, mais clara a situação que claramente deixáramos descrita, quando por algum tempo nos ausentamos desta coluna.²⁴

²⁰ Acerca das modernizações concernentes ao processo de composição e impressão dos jornais, ver ROCHA, Claudio. *A letra impressa: dos tipos móveis à tipografia digital*. São Paulo: Senai-SP, 2013; TWYMAN, Michael. *L'imprimerie: Histoire et techniques*. Lyon: ENS Éditions, 2007. Jean Yves-Mollier tratou sobre a ampliação do público leitor na França, o que lança luzes para a compreensão de processo semelhante no Brasil e nos demais países ocidentais durante a transição dos séculos XIX-XX. Ver: MOLLIER, Jean-Yves. *A leitura e seu público no mundo contemporâneo: ensaios sobre história cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008, pp. 159-96. Sobre a ampliação do telégrafo e a sua relação com a imprensa: MACIEL, Laura Antunes. Produzindo notícias e histórias: algumas questões em torno da relação telégrafo e imprensa – 1880/1920. In: FENELON, D. R. et al. (Orgs.). *Muitas memórias, outras histórias*. São Paulo: Olho d’Água, 2004, pp. 14-40.

²¹ CALDEIRA, Jorge. *Op. cit.*, v. 3, p. 07.

²² “Boletim Semanal da Guerra – de acordo com os nossos telegramas.”

²³ MESQUITA, Júlio. Boletim Semanal da Guerra. In: O Estado de S. Paulo, 21 dez. 1914, p. 03.

²⁴ *Idem*, 20 dez. 1915, p. 03.

Ao lado do telégrafo, Júlio Mesquita também lançava mão da imprensa europeia, particularmente francesa, para a escrita dos seus boletins. No primeiro artigo publicado, por exemplo, seu texto se encerrou com a tradução de uma correspondência que provaria a ausência de desejo de guerra por parte do alto escalão do Império Austro-Húngaro. O texto, por sua vez, foi originalmente publicado no dia 10 de julho daquele ano pelo jornal francês *Le Temps* [O Tempo], sob o título “Lettre d’Autriche-Hongrie – Après de drame de Sarajevo” [Carta da Áustria-Hungria – Depois do drama de Sarajevo]²⁵, o qual também traz a assinatura de seu autor, Marcel Duran. Igualmente no dia 13 de setembro de 1915, Mesquita citou e fez comentários acerca de algumas notícias sobre a guerra trazidas pelo periódico *Revue des Deux Monde* [Revista dos Dois Mundos].²⁶ Dessa forma, não apenas o telégrafo, mas a imprensa europeia – em particular a francesa – se constitui como fonte para a escrita dos Boletins Semanais da guerra, o que só foi possível em razão das então recentes novidades tecnológicas introduzidas no seio da imprensa.

A cultura francesa de guerra

A historiografia acerca da Primeira Guerra Mundial evidenciou a abertura e o acesso a novos documentos ao longo dos decênios seguintes à conflagração²⁷, o que permite afirmar que havia uma primeira seleção sobre as notícias divulgadas pela imprensa europeia durante os anos do conflito. Entre as trincheiras e as oficinas tipográficas, portanto, ocorria um trabalho seletivo. As notícias eram veiculadas de uma forma configurada por fronteiras culturais – e não apenas nacionais. O próprio autor dos Boletins Semanais possuía consciência desse trabalho de seleção, prévio ao seu, exercido sobre o material recebido pelo jornal.

Assim, afirmou em 07 de setembro de 1914 que “não nos parecem dignos de um só minuto de atenção dois telegramas, que durante a semana publicamos, mas que não inserimos no boletim de hoje”²⁸. E em 07 de junho do ano seguinte comentou sobre a agência francesa

²⁵ Tradução nossa.

²⁶ *Idem*.

²⁷ Para uma análise cuidadosa da historiografia sobre a Primeira Guerra Mundial, no que concerne aos mundos francês, inglês e alemão, ver PROST, Antoine; WINTER, Jay. *Penser la Grande Guerre: un essai d’historiographie*. Paris: Éditions du Seuil, 2004. O esforço investigativo e sistemático de Pierre Renouvin, por sua vez, não pode ser deixado de lado. Sua biografia indica, igualmente, o avanço do conhecimento e da pesquisa historiográfica acerca dos temas e das fontes disponíveis para a escrita da história da guerra de 1914. Para os principais dados biográficos de Pierre Renouvin e sua fortuna crítica, ver BECKER, Jean-Jacques; BECKER, Annette. Pierre Renouvin. In: SALES, Véronique. *Os historiadores*. São Paulo: Unesp, 2011, pp. 121-38.

²⁸ MESQUITA, Júlio. Boletim Semanal da Guerra. In: O Estado de S. Paulo, 07 set. 1914, p. 03.

Havas: “A Havas, que não é como a Wolff, uma agência de propaganda, mas de informação, se às vezes, naturalmente, pinta com cores demasiado vivas os feitos dos Aliados, em compensação não oculta os seus reveses”²⁹. O apelo aos dados fornecidos pela imprensa, igualmente, destaca a relativa distância necessária diante do material divulgado por meio dos telegramas, não obstante o título da coluna. Assim, em 16 de agosto de 1915 escreveu o diretor do matutino:

Estes boletins são redigidos, como acima se declara, de acordo com os nossos telegramas, mas, para comentar ou simplesmente desenvolver as notícias que eles nos trazem, lemos, desde o começo da guerra, um certo número de revistas e jornais europeus, dos que nos parecem de mais segura informação e crítica mais desapaixonada.³⁰

Da mesma forma, em 27 de setembro declarou a necessidade da consulta sobre a imprensa além dos telegramas: “Abrimos de vez em quando um jornal alemão, porque, para não errar muito, é útil ler o que se escreve e ouvir o que se diz de lado a lado, e nem sempre perdemos tempo.”³¹ No dia 11 de outubro do mesmo ano, por fim, Júlio Mesquita demonstrou ciência da censura mesma que recaía sobre o telégrafo:

(...) vamos aos fatos que o telégrafo noticiou, como o telégrafo os pode noticiar, porque bem se percebe que uma censura rigorosa contribuiu com seus rigores, com seus receios e as suas desconfianças, as suas exigências e as suas restrições, para que ainda mais se cerrasse a nuvem em que a nossa investigação se perdeu e se desorientou.³²

Portanto, as notícias sobre as quais se debruçava Júlio Mesquita para efetuar a escrita do Boletim Semanal da Guerra eram previamente selecionadas e colocadas sobre um quadro de referência que buscava justificar as decisões tomadas pelos Estados-Maiores, diminuir o impacto dos reveses e fomentar a esperança de uma vitória iminente. Assim, a moldura sob a qual eram transmitidas as notícias por meio das agências inglesas e francesas sedimentava a convicção de que os Aliados estavam sempre prestes a empreender uma ofensiva de caráter decisivo contra os alemães, ao passo que, na Alemanha, ocorria o mesmo em sentido inverso.

Júlio Mesquita prestou sua adesão a essa leitura da guerra posicionando seu periódico nos combates em prol dos Aliados e contra os alemães. Importa aqui, portanto, verificar qual a

²⁹ *Idem*, 07 jun. 1915, p. 03.

³⁰ *Idem*, 16 ago. 1915, p. 03.

³¹ *Idem*, 27 set. 1915, p. 03.

³² *Idem*, 11 out. 1915, p. 03.

natureza dessa moldura que formava as notícias e teve, entre os seus porta-vozes nos trópicos, o jornal O Estado de S. Paulo.

Ora, é conhecido que a Primeira Guerra foi lida, entre seus contemporâneos, nos pares “civilização x barbárie”. Havia, assim, uma dada *forma* de apresentar o conteúdo, forma já produzida pelos órgãos da imprensa europeia e outros meios culturais. Conforme Modris Eksteins, “a imprensa liderava o esforço de propaganda, mas clérigos, educadores, artistas, músicos e autores o reforçavam. Todos os beligerantes se envolveram na criação de mitos”³³, que foram, por sua vez, difundidos para o outro lado do Atlântico por meio do telégrafo e da imprensa. A forma segundo a qual a guerra era dada a ler pela imprensa e pelo telégrafo francês – e pelos Aliados, em geral – apresenta os contornos de uma guerra santa em prol da democracia e da liberdade. Conforme Fabrice d’Almeida e Christian Delporte:

D’un côté, se trouve le sujet, la France, incarnant le bien en marche vers un but: la défense des droits de l’homme et de la liberté. Dans cette progression, elle se heurte aux empires, qui ne veulent que la destruction en vertu de leur caractère barbare. La France vaincra grâce au secours de l’humanité et de Dieu, les deux adjutants ou armes. Le narrateur de ce récit? Une série d’institutions qui acceptent de payer et de diffuser cet idéal. Ce sont tantôt des administrations d’État ou des ministères, tantôt des groupements patriotiques des organisations partisans, voire des organes de presse. Fondamentalement, la guerre se raconte en France comme le combat des justes contre de diaboliques ennemis, dont l’ambition est de détruite et de tuer une beauté et une intelligence qu’ils sont incapables d’atteindre.³⁴

A análise do material publicado por Júlio Mesquita evidencia, por sua vez, a presença dessa mesma forma de abordagem sobre o conflito europeu, apesar dos evidentes contornos nacionais próprios a um jornal brasileiro, como foi visto. Assim, ao iniciar a guerra, Mesquita responsabilizou o “militarismo”, com o qual, durante os meses finais de 1914, identificou a política alemã, exatamente em comunhão com a leitura francesa da guerra. Da mesma forma, a chave de leitura a partir de 1915 se estabeleceu no embate entre o “militarismo alemão” e a “civilização francesa”, identificada com os ideais da Revolução de 1789. A título de exemplo,

³³ EKSTEINS, Modris. *A primavera da primavera*. Rio de Janeiro: Rocco, 1991, p. 302.

³⁴ “De um lado está o tema, a França, encarnando o bem diante de um objetivo: a defesa dos direitos humanos e da liberdade. Nesta progressão, ela avança sobre os impérios, que almejam somente a destruição em virtude de sua barbárie. A França vencerá graças ao auxílio da humanidade e de Deus, os dois auxiliares ou as duas armas. O narrador desta história? Uma série de instituições dispostas a pagar e difundir este ideal. São as administrações do Estado ou dos ministérios, quanto os grupos patrióticos das organizações partidárias, e os órgãos de imprensa. Basicamente, a guerra é narrada na França como o combate dos justos contra inimigos diabólicos, cuja ambição é destruir e assassinar uma beleza e uma inteligência que não são capazes de alcançar.” [tradução nossa] D’ALMEIDA, Fabrice; DELPORTE, Christian. *Histoire des médias en France: de la Grande Guerre à nos jours*. Paris: Éditions Flammarion, coll. Champs Histoire, 2010, p. 30.

vejamos como o diretor d'O Estado procurou traçar as principais características da “psicologia dos três povos” envolvidos na guerra:

O alemão do século XX é a perfeição da disciplina: o indivíduo fala por seus legítimos órgãos, o indivíduo não discute, não examina: crê e obedece. Atingiu este ideal de “organização” (é o termo empregado por Ostwald) a pátria de Lutero. (...) O alemão é o verdadeiro super-homem. O império alemão há de forçosamente dirigir o resto da humanidade, custe o que custar. “A Inglaterra e a França (continua a falar o sábio Ostwald), pobres povos inferiores e atrasados, ainda não transpuseram, já agora talvez não transponham nunca, a fase “individualista”. Os ingleses e os franceses ainda sofrem dessa ridícula enfermidade que se chama zelo pela independência individual. Ainda não se organizaram. Abaixo deles só os russos, que são “selvagens”. É assim que se expõe esta nova lei dos três estados, que expeliu da cogitação dos filósofos a outra, a de Augusto Comte. Os povos evoluem da selvageria para a organização, passando pelo individualismo. (...) Para nosso caso, porém, Deus nos livre dos “organizados”. No regime de organização não há jornalismo possível, porque os jornais vivem das informações que transmitem aos seus leitores, e as informações valem tanto quanto se aproximam da verdade. Vivam os individualistas! É deles que nos vem a vida, é com o auxílio deles que vamos criando e aumentando a nossa força e o nosso prestígio.³⁵

Júlio Mesquita, portanto, presta sua adesão à tradição francesa de narrar a guerra. Formado entre intelectuais de influência francesa³⁶, não causa espanto que assim se posicione o diretor d'O Estado. O próprio jornal, por sua vez, se insere em uma tradição liberal de matriz francesa, conforme destacaram Maria Helena Capelato e Maria Lígia Prado, em obra amplamente conhecida acerca do matutino paulista.³⁷ O posicionamento diante do conflito, portanto, deita suas raízes em uma postura editorial clara e em um lugar definido em meio ao cenário político e cultural da Primeira República.

Não surpreende notar, portanto, que o quadro resultante do conjunto dos boletins deriva da representação segundo a qual a França é o modelo de civilização, contra a qual se opunha o Império Alemão desde a batalha de Sedan (1870). Na base de tal imaginário, está a identificação da Alemanha com os princípios antidemocráticos e militares, ao passo que a França e a Inglaterra assumiriam perfeito paralelismo em relação à democracia e à liberdade política. Tal leitura possibilitou uma visão maniqueísta da Primeira Guerra Mundial.

³⁵ MESQUITA, Júlio. Boletim Semanal da Guerra. In: O Estado de S. Paulo, 25 jan. 1915, p. 03. Nesse ponto, o texto fez uma inflexão ao apresentar sobre quais povos recairia o apanágio de “individualistas”: “São os ingleses, são os franceses e, por dever de aliança, também agora são os russos selvagens. (...) Não podemos deixar de atendê-los, porque são os únicos que convêm à nossa profissão.”

³⁶Sobre o afrancesamento das elites brasileiras quando da Primeira Guerra Mundial, ver COMPAGNON, Olivier. *Op. cit.*, pp. 68-93.

³⁷ CAPELATO, Maria Helena. *Os arautos do liberalismo: imprensa paulista (1920-1945)*. São Paulo: Brasiliense, 1989 e CAPELATO, Maria Helena; PRADO, Maria Lígia. *O bravo matutino. Imprensa e ideologia: O Estado de S. Paulo*. São Paulo: Alfa-Ômega, 1980.

Dessa maneira, a sobreposição dos temas tratados por Júlio Mesquita n'O Estado de S. Paulo e aqueles da propaganda francesa apontam para modelos interpretativos recentes, que procuram explicar a realidade da guerra para além das trincheiras, isto é, por meio da mobilização de diversos setores da sociedade. A historiografia da Primeira Guerra tem conferido amplo destaque aos debates em torno dos temas culturais ou imateriais relativos à guerra; dessa forma, e sem negligenciar o peso das decisões diplomáticas e da importância das relações econômicas para o desenrolar do conflito, as mais recentes pesquisas têm chamado a atenção para os aspectos culturais como pontos-chave para a compreensão de como as gerações do período conferiram sentido e viveram aqueles trágicos momentos.³⁸

Nesse ínterim, tem recebido cada vez maior ênfase a contribuição dos modelos interpretativos propostos e divulgados por Stéphane Audoin-Rouzeau e Annette Becker, do *Centre International de Recherche do Historial de la Grande Guerre*³⁹, entre eles, o já citado conceito de cultura de guerra.⁴⁰ No mesmo sentido, afirma Jean-Jacques Becker:

L'historiographie de la Grande Guerre est de plus en plus au diapason de l'historiographie en général où une place croissante est occupée par l'histoire des représentations. Dans une guerre comme la Grande Guerre, pour tous les peuples belligérants et bien souvent pour les autres aussi, tout résulte d'une intégration mentale à la guerre qui commande aussi bien la vie des soldats que des civils, tout est lié à la guerre, développant ainsi une culture nouvelle et provisoire qui est la «culture de guerre».⁴¹

É possível, dessa forma, manejar tal conceito com o objetivo de compreender as formas segundo as quais a guerra era apresentada aos contemporâneos:

³⁸ PROST, Antoine; WINTER, Jay. *Op. cit.*, 2004. As abordagens culturais da guerra se voltaram para elementos antes não contemplados pela historiografia, ou seja, tratou-se de analisar não apenas as elites dirigentes e os responsáveis pelas decisões militares, mas os combatentes, seus sentimentos, as estratégias que mobilizaram para tentar sobreviver, bem como o papel desempenhado pelos intelectuais e pela imprensa durante o período.

³⁹ Localizado em Péronne, França, o *Historial* foi fundado em 1992 como o primeiro museu francês consagrado inteiramente à Primeira Guerra Mundial sob a perspectiva internacional. Resultado da colaboração entre Alemanha, Grã-Bretanha e França, o Museu e o *Centre International de Recherche*, sob a coordenação de Stéphane Audoin-Rouzeau, problematizam a história das sociedades envolvidas no conflito a partir de uma visada cultural.

⁴⁰ A formulação deste aporte teórico ocorreu na sequência dos colóquios *Les sociétés européennes et la guerre de 1914-1918*, Nanterre, 1988, e *Guerre et Cultures*, Historial de Péronne, 1992.

⁴¹ “A historiografia da Grande Guerra está cada vez mais em sintonia com a historiografia em geral, na qual um lugar crescente é ocupado pela história das representações. Em um conflito como a Grande Guerra, para todos os povos beligerantes e muitas vezes também para os outros, tudo resulta de uma integração mental diante da guerra, a qual comanda as vidas de soldados e de civis; tudo está relacionado à ela, desenvolvendo assim uma cultura nova e temporária, que é a cultura de guerra.” [tradução nossa] BECKER, Jean-Jacques. L'évolution de la historiographie de la Première Guerre mondiale. In: *Revue historique des armées*, Paris, n. 242: 1916, les grandes batailles et la fin de la guerre européenne, 2006, pp. 4-15.

O tema da cultura da guerra coloca em destaque o papel das elites, dos políticos e dos formadores de opinião que mobilizaram o ódio ao inimigo, o espírito de cruzada e a missão que a cada um dos lados envolvidos no conflito cabia desempenhar para a salvação nacional.⁴²

Apesar da dificuldade de calcular todas as fontes possíveis da leitura dicotômica sobre a conflagração europeia presente nos artigos de Júlio Mesquita, não é possível negligenciar o papel desempenhado pelos consultados na imprensa europeia e das agências de notícias das quais provinham os telegramas publicados e comentados pelo jornal. Assim, como resultado da leitura atenta das fontes, podemos afirmar que o conceito de cultura de guerra, formado no seio das últimas incursões teóricas sobre o tema, auxilia na reflexão em torno desse objeto de pesquisa e na sua compreensão em uma noção sincrônica do tempo histórico.

Os artigos publicados por Júlio Mesquita se inserem, assim, em uma cultura francesa de guerra, compartilhando temas, posicionamentos e representações próprios dos *poilus* e dos Aliados do Hexágono. Como também afirma Malatian, Júlio Mesquita

Coerente com suas ligações culturais com a França, manteve-se na posição de aliadófilo, partilhando com a cultura de guerra dos franceses os temas do militarismo alemão, da derrota de 1870, e principalmente o recurso à História para comprovar suas teses e prever o futuro do conflito que o surpreendia por jogar por terra, desde o início, a convicção da capacidade de resistência dos franceses e dos ingleses, derrotados na guerra de fronteiras. Este é o limite de sua análise sobre as causas da guerra, que seguiram desde o início a versão corrente no campo político dos Aliados.⁴³

Assim, os recursos e estratégias retóricas utilizadas por ele na escrita de suas crônicas, bem como o lugar do qual falava e sua trajetória biográfica, nos permitem identificar elementos que evidenciam o paralelismo entre os temas mobilizados pelos Aliados na justificativa de suas ações e os argumentos por ele apresentados na convicção da derrota dos alemães. O estudo sobre esta fonte, portanto, não permanece reduzido à fronteira nacional própria do país a partir do qual Júlio Mesquita escrevia, mas se insere em um quadro mais amplo, que compreende o

⁴² MALATIAN, Teresa. A construção do convencimento: Júlio Mesquita e os Boletins Semanais da Guerra do jornal O Estado de S. Paulo (1914-1918). In: *Patrimônio e Memória*, São Paulo, Unesp, v. 9, n. 2, pp. 205-19, julho-dezembro, 2013, p. 207.

⁴³ MALATIAN, Teresa. *Op. cit.*, p. 212. Diante das críticas aos seus boletins, segundo as quais estes reproduziam os boletins oficiais de Paris e Londres, Mesquita argumentou que assim o era em razão de acreditar que só eles estariam mais próximos da realidade: “só os boletins dos Aliados nos dão, nos podem dar uma idéia aproximadamente exata da real situação das formidáveis forças que há quase seis meses se digladiam”, MESQUITA, Júlio. Boletim Semanal da Guerra. In: O Estado de S. Paulo, 25 jan. 1915, p. 03.

papel da imprensa durante os quatro anos da Grande Guerra, em sintonia com as mais recentes pesquisas sobre o tema. Dessa forma, são possíveis questionamentos acerca das relações estabelecidas entre os periódicos daquele momento, as fontes utilizadas para a escrita de análises do conflito – tais como os Boletins Semanais –, fomentando o estudo da imprensa durante a guerra.

Considerações finais

O conjunto dos Boletins Semanais de Júlio Mesquita, pelo que se pode ver, apresenta um conteúdo culturalmente orientado para além da mera descrição das operações militares e dos acordos diplomáticos ocorridos durante a Primeira Guerra Mundial ou das possíveis articulações com a realidade brasileira. O horizonte cultural sobre o qual escreveu o diretor d’O Estado deve ser buscado entre os temas próprios à cultura de guerra dos franceses, motivo pelo qual o estudo das mais recentes pesquisas sobre o conflito oferece modelos interpretativos capazes de dotar de densidade a análise dos boletins. As fontes para essa leitura se encontram quer na educação marcadamente francesa das elites brasileiras do momento, quer na dependência do telégrafo e das notícias provenientes da imprensa europeia.

Mesquita recebia as notícias nesta forma apresentada pela imprensa francesa, remetendo suas afirmações a uma instância última situada além do cenário nacional. Portanto, para a compreensão dos Boletins Semanais da Guerra, é necessário levar em conta os dois canais pelos quais o conteúdo chegou até a mão do leitor: em primeiro lugar, a tradição cultural em que a realidade da guerra era lida pela imprensa europeia e dada a ler por meio dos seus telégrafos e artigos consultados pelo proprietário d’O Estado; e em segundo lugar, o próprio posicionamento do seu autor, que não recebia de forma meramente passiva o que os telégrafos lhe traziam, mas procurava articular a notícia recebida com a realidade do seu país e do seu jornal.

Dessa forma, é possível nos aproximar de Artur Corvelo, de Eça, ou da declaração de Borges acerca de Buenos Aires: Júlio Mesquita realmente lera a guerra? A resposta se encontra nessa intrincada relação entre “cultura de guerra” e “atividade jornalística” em que se formou o conjunto de artigos publicados sob o título de “O Boletim Semanal da Guerra”. Os aportes oferecidos pelo conceito de cultura de guerra, por conseguinte, não esgotam as formas segundo as quais o conjunto dos artigos pode ser analisado, mas abrem alguns caminhos para a investigação.

Referências bibliográficas

Livros:

- BARBOSA, Marialva. *História cultural da imprensa: Brasil, 1900-2000*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.
- CALDEIRA, Jorge. *Júlio Mesquita e seu tempo*. São Paulo: Mameluco, 2015, 4 v.
- CALVINO, Ítalo. *As cidades invisíveis*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- CAPELATO, Maria Helena. *Os arautos do liberalismo: imprensa paulista (1920-1945)*. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- _____; PRADO, Maria Lígia. *O bravo matutino*. Imprensa e ideologia: O Estado de S. Paulo. São Paulo: Alfa-Ômega, 1980.
- COMPAGNON, Olivier. *O adeus à Europa: a América Latina e a Grande Guerra*, Rio de Janeiro: Rocco, 2014.
- D'ALMEIDA, Fabrice; DELPORTE, Christian. *Histoire des médias en France: de la Grande Guerre à nos jours*. Paris: Éditions Flammarion, coll. Champs Histoire, 2010.
- DUARTE, Paulo. *Júlio Mesquita*. São Paulo: Hucitec, 1977.
- EKSTEINS, Modris. *A sagração da primavera*. Rio de Janeiro: Rocco, 1991.
- FENELON, D. R. et al. (Orgs.). *Muitas memórias, outras histórias*. São Paulo: Olho d'Água, 2004.
- GARAMBONE. *A Primeira Guerra Mundial e a imprensa brasileira*. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.
- LUCA, Tania Regina de. *A revista do Brasil: um diagnóstico para a (N)ação*. São Paulo: Unesp, 1999.
- _____. *Leituras, projetos e (re)vista(s) do Brasil (1916-1944)*. São Paulo: Unesp, 2011.
- MOLLIER, Jean-Yves. *A leitura e seu público no mundo contemporâneo: ensaios sobre história cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- PINSKY, Carla (Org.). *Fontes históricas*. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2006.
- CORREIA, Sílvia. *Políticas da Memória da I Guerra Mundial em Portugal (1918-1933): entre a experiência e o mito*. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2010.
- PROST, Antoine; WINTER, Jay. *Penser la Grande Guerre: un essai d'historiographie*. Paris: Éditions du Seuil, 2004.
- ROCHA, Claudio. *A letra impressa: dos tipos móveis à tipografia digital*. São Paulo: Senai-SP, 2013.
- SALES, Véronique. *Os historiadores*. São Paulo: Unesp, 2011.
- TWYMAN, Michael. *L'imprimerie: Histoire et techniques*. Lyon: ENS Éditions, 2007.

Artigos de periódicos:

- MALATIAN, Teresa. A construção do convencimento: Júlio Mesquita e os Boletins Semanais da Guerra do jornal O Estado de S. Paulo (1914-1918). *Patrimônio e Memória*, São Paulo, Unesp, v. 9, n. 2, pp. 205-19, jul-dez, 2013.
- MARGATO, Izabel. A (i)legibilidade de Lisboa n'A Capital de Eça de Queirós. *Revista Semear*, Rio de Janeiro, PUC, v. 1, n. 1: Camões e Eça de Queirós, 1997.